

Grupo Frente

O Grupo Frente - Modernos, radicais e românticos

Uma mentalidade que procurava desamarrar o país do seu ritual arcaico.

Outro aspecto estaria nas polêmicas geradas nos jornais, época em que um crítico escrevia em oposição ao outro, baseado na tendência que defendia. A militância era religião. Procurava-se salvar a arte e a sociedade ou, ao menos, tornar a arte possível entre nós. De fato o Grupo Frente foi um labirinto de situações novas, que iriam desaguar em fervorosas polêmicas quando os artistas paulistas assumiram uma posição mais dogmática com o concretismo. No Rio, apesar da procura de um rigor, ele não foi totalmente dogmático em seu sentido estético, obrigando, apesar da se

Título: O Grupo Frente - Modernos, Radicais e Românticos 5.11.84

veridade, na época, de um Ivan Serpa, uma certa abertura. Afinal, como descreve Frederico Moraes, o próprio Mário Pedrosa - sempre no exato rigor do espírito moderno - já sonhava com um museu das origens, "reunindo num mesmo lugar a produção artística dos índios, crianças, loucos, primitivos e vanguardistas".

Jornal do Brasil - 6-11-1984

Titulo: O Grupo Frente Modernos, Radicais e Românticos

## Grupo Frente

O Grupo Frente - Modernos, radicais e românticos

O Grupo Frente não tem tanta abundância documental. Um de seus principais animadores, o artista Ivan Serpa, morreu. Mário Pedrosa, que ativou teoricamente, também desapareceu há três anos. A exposição ficou sendo uma homenagem a Pedrosa, unanimamente reconhecido como o crítico que mudou a nossa crítica de arte.

Algumas coisas são importantes: A liderança exercida por Ivan Serpa, o clima internacional da arte indo em direção à abstração, o espírito moderno com sua ética de liberdade que Mário Pedrosa empunhava, a presença da Bienal de São Paulo, onde se pode ver Picasso, Calder, Mondrian, os concretos argentinos, Torres Garcia, entre outros. Além dos cursos de arte de Serpa e o poder político navegando no otimismo, a partir de 1955, na mãos de Juceli no Kubitschek.

Jornal do Brasil - 5-11-1984

Título: O Grupo Frente - Modernos, Radicais e Românticos

## Exposição Grupo Frente

O Grupo Frente - Modernos, radicais e românticos

O GRUPO FRENTE - MODERNOS, RADICAIS E ROMÂNTICOS

Inauguração, às 21h, da mostra histórica, que engloba, no fundo, duas exposições: a do Grupo Frente, que atuou entre 1954 e 1966 e a I Exposição Nacional de Arte Abstrata, em 1953. Cerca de 90 obras poderão ser avaliadas pelo espectador que poderá dimensionar os partos de uma idéia de arte abstrata e construída naquele período. As obras exibidas efetivamente participaram do movimento. Isto as situa no tempo histórico em que foram realizadas e no clima das ideologias estéticas pregadas na época. O Grupo Frente, diferente do movimento neoconcreto que teve o apoio documental, na época, do JORNAL DO BRASIL, é pouco documentado.

Jornal do Brasil - 5-11-1984

Título: O Grupo Frente: Modernos, Radicais e Românticos

catalogo

Jornal: Jornal do Brasil

Data: 5-11-84

Local: Rio de Janeiro

Título: O GRUPO FRENTE - Modernos, Radicais e Românticos

O GRUPO FRENTE - MODERNOS, RADICAIS E ROMÂNTICOS

Depois do sucesso da exposição sobre o neoconcretismo, a galeria de arte Banerj apresenta mais um trabalho - sempre necessário - de mapeamento histórico da produção de arte carioca. Até agora focalizou os anos 50. É o que ocorre hoje, com a inauguração, às 21h, da mostra histórica, que engloba, no fundo, duas exposições: a do Grupo Frente, que atuou entre 1954 e 1956 e a I Exposição Nacional de Arte Abstrata, em 1953. Cerca de 90 obras poderão ser avaliadas pelo espectador que poderá dimensionar os partos de uma idéia de arte abstrata e construída naquele período.

É a vantagem das exposições que Frederico Moraes tem organizado para a galeria do Banerj: as obras exibidas efetivamente participaram do movimento. Isto as situa no tempo histórico em que foram realizadas e no clima das ideologias estéticas pregadas na época. O Grupo Frente, diferente do movimento neoconcreto que teve o apoio documental, na época, do JORNAL DO BRASIL, é pouco documentado.

É bem verdade que falta ainda uma história, mais objetiva, sobre o próprio movimento neoconcreto. O ponto de partida seria, sem dúvida, o livro que o crítico Ronaldo Brito escreveu e deve editar, este ano, pela Funarte, depois de dormir na gaveta um longo inverno de mais de oito anos. Mas ainda faltam análises sobre o movimento neoconcreto, como ambiente intelectual da época, a escolha de terminados textos da vanguarda histórica e como foi a sua recepção entre nós, além de suas relações com obras de outros países. O Grupo Frente não tem tanta abundância documental. Um dos seus principais animadores, o artista Ivan Serpa, morreu. Mário Pedrosa, que ativou

teoricamente, também desapareceu há três anos. A exposição ficou sendo uma homenagem a Pedrosa, unanimamente reconhecido como o crítico que mudou a nossa crítica de arte. O problema é a trilha para chegar ao que foi o Grupo Frente. Isto ocorre na apresentação de Frederico Moraes, que segue um tortuoso labirinto para saber o que de fato <sup>o</sup> aconteceu.

O nome do grupo, por exemplo. Para alguns a idéia do nome partiu de Ivan Serpa, que rejeitou outros dois: vanguarda e renovador. Ferreira Gullar conta <sup>uma</sup> outra história, no mínimo curiosa: "Eu tinha mania de escrever poemas em papel. Pegava várias folhas cortadas ao meio, colocava uma capa de papel comum, de embrulho, papel pardo, e granpeava tudo. Costumava andar com aquilo na mão, e como a capa era igual dos dois lados e eu não queria escrever nada, coloquei a palavra frente só para saber de que lado deveria abrir. Um dia, cheguei com um desses "cadernos" no curso do Ivan. Lá estavam seus alunos e o escritor Macedo Miranda. Coloquei o "caderno" sobre a mesa, o Ivan olhou e disse: que coisa legal. Abriu e perguntou: o que quer dizer isto? Eu respondi: nada. A palavra está aí só para indicar onde devo abrir. Mais tarde Ivan me disse: Sabe, eu vou dar o nome Frente ao nosso grupo".

É fato que estas coisas são, afinal, pouco importantes em arte. De Kooning bateu os ombros quando numa reunião, quase 10 anos antes, em Nova Iorque, procurou-se batizar o movimento do qual participava do Impressionismo Abstrato. O importante é captar o clima de uma época que pôde fazer jorrar um determinado tipo de produção.

Algumas coisas são importantes e o texto de Frederico situa-se imediatamente: a liderança exercida por Ivan Serpa, o clima

internacional da arte indo em direção à abstração, o espírito moderno com sua ética de liberdade que Mário Pedrosa empurrava, a presença da Bienal de São Paulo, onde se pode ver Picasso, Calder, Mondrian, os concretos argentinos, Torres Garcia, entre outros. Além dos cursos de arte de Serpa e o poder político navegando no otimismo, a partir de 1955, nas mãos de Juscelino Kubitschek.

No plano estético, argentinos como Tomás Maldonado e Jorge Romero Prest tiveram grande importância nos visitando. Maldonado iria depois dirigir a Escola De Desenho Industrial em Ulm, Suíça. Este pequeno país que costuma, há séculos, ter relógios perfeitos e nenhum tirano assumiu uma importância enorme para nós. O artista suíço Max Bill, com suas formulações matemáticas para a arte, criou um marco divisor na nossa arte e nos levou, durante muito tempo para uma arte construída.

No pós <sup>guerra</sup> europeu, artistas como Dubuffet ou o holandês Karel Appel estavam plasticamente interessados nos desenhos dos loucos e das crianças e aqui isso também foi valorizado, principalmente por Mário Pedrosa e seu grupo, que iam visitar o Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Engenho de Dentro, onde Nise da Silveira realizava um trabalho pioneiro com seus pacientes. Mas isto não estimulou uma criação artística dentro dentro desta linha. Somente muito mais tarde, na sua excepcional fase negra, Ivan Serpa buscou o fundo do abismo com os seus monstros. Na verdade, além da penetração de um determinado modelo de arte de tipo rigoroso (ele não era o único, mas foi o que os artistas daquela época resolveram escolher), era o que parecia melhor para se adaptar a um país mergulhado num otimismo de estradas cheias de volkswagens e imerso em indústrias. Um dos aspectos, não negligenciável, do Grupo Frente foi um pouco da mentalidade tipicamente racionalista de unir arte e indústria. Lygia Pape fez jóias, Palatinik - um dos pioneiros do cinetismo - móveis, e Fayga Ostrower interessou-se por realizar, junto com Décio Vieira, padronagens para tecidos. Esses são alguns exemplos de uma mentalida

de que procurava desamarrar o país do seu ritual arcaico.

Outro aspecto estaria nas polêmicas geradas nos jornais, época em que um crítico escrevia em oposição ao outro, baseado na tendência que defendia. A militância era religião. Procurava-se salvar a arte e a sociedade <sup>ou</sup> ao menos, tornar a arte possível entre nós. De fato o Grupo Frente foi um labirinto de situações novas, que iriam de saguar em feroz polêmicas quando os artistas paulistas assumiram uma posição mais dogmática com o concretismo. No Rio, apesar da procura de um rigor, ele não foi totalmente dogmático em seu sentido estético, <sup>o</sup> obrigando, apesar da severidade, na época, de um Ivan Serpa, uma certa abertura. Afinal, como descreve Frederico Moraes, o próprio Mário Pedrosa - sempre no exato rigor do espírito moderno - já sonhava com um museu das origens, "reunindo num mesmo lugar a produção artística dos índios, crianças, loucos, primitivos e vanguardistas".

No catálogo há também um texto de Edmundo Jorge <sup>ge</sup>, que realizou a exposição do grupo em Petrópolis, no hotel Quitandinha. A cidade era um pólo cultural, além de ser o Quitandinha um dos princi-pais hotéis do país. Era lá que, na época da euforia de um país moderno, Kim Novack desfilava na alegria de seus bailes carnavalescos e Jane Mansfield, com seus gelatinosos seios, era cativa das câmaras dos fotógrafos da imprensa. Nada a estranhar que uma exposição de arte fosse realizada lá. Depois seguiu para Rezende e Volta Redonda, procurando abrir picadas para a introdução de arte abstrata. A exposição do Banerj, após a mostra do Rio, fará o mesmo itinerário.

Do grupo de artistas que participaram do movimento al-guns se firmaram no <sup>nome</sup> meio, como Ana Bella Geiger, Antonio Bandeira, Aluísio Carvão, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Franz Weissmann e Fayga Ostrower. A importância da exposição no Banerj é a de avaliar esta produção feita em uma época em que a rivalidade entre figurativos e



abstratos foi um assunto realmente sério. É um momento em que os artistas foram modernos, radicais e românticos. Quer dizer: viveram o ritmo feliz daquela época.

---

NOTAS: Reprodução do quadro de Ivan Serpa: pintura nº 97

Instituto de arte contemporânea

assunto: Exposição Grupo Frente  
fazer uma ficha começando em Inauguração  
pela "Montagem" e continuar as obras e ideias  
até pouco documentado.

artigo incompleto

Jornal: Jornal do Brasil  
Data: 5-11-84  
Local: Rio de Janeiro  
Título: O GRUPO FRENTE - Modernos, Radicais e Românticos

O GRUPO FRENTE - MODERNOS, RADICAIS E ROMÂNTICOS

colocar o título e a seguir o q. está na chance "Inauguração"

Depois do sucesso da exposição sobre o neoconcretismo, a galeria de arte Banerj apresenta mais um trabalho - sempre necessário - de mapeamento histórico da produção de arte carioca. Até agora focalizou os anos 50. É o que ocorre hoje, com a inauguração, às 21h, da mostra histórica, que engloba, no fundo, duas exposições: a do Grupo Frente, que atuou entre 1954 e 1956 e a I Exposição Nacional de Arte Abstrata, em 1953. Cerca de 90 obras poderão ser avaliadas pelo espectador que poderá dimensionar os partos de uma idéia de arte abstrata e construída naquele período.

(É a vantagem das exposições que Frederico Moraes tem organizado para a galeria do Banerj: <sup>pular este parágrafo entre parêntese</sup> as obras exibidas efetivamente participaram do movimento. Isto as situa no tempo histórico em que foram realizadas e no clima das ideologias estéticas pregadas na época. O Grupo Frente, diferente do movimento neoconcreto que teve o apoio documental, na época, do JORNAL DO BRASIL, é pouco documentado.

É bem verdade que falta ainda uma história, mais objetiva, sobre o próprio movimento neoconcreto. O ponto de partida seria, sem dúvida, o livro que o crítico Ronaldo Brito escreveu e deve editar, este ano, pela Funarte, depois de dormir na gaveta um longo inverno de mais de oito anos. Mas ainda faltam análises sobre o movimento neoconcreto, como ambiente intelectual da época, a escolha de terminados textos da vanguarda histórica e como foi a sua recepção entre nós, além de suas relações com obras de outros países. O Grupo Frente não tem tanta abundância documental. Um dos seus principais animadores, o artista Ivan Serpa, morreu. Mário Pedrosa, que ativou

Exposição Grupo Frente

Grupo Frente

6

Assunto: Grupo Frente  
começar no final da 1ª pag: O Grupo frente não tem tanta crítica de arte. Na mesma ficha pula o que está fora do colchete e acrescenta: Algumas coisas são importantes: a liderança exercida até Kubitschek

teoricamente, também desapareceu há três anos. A exposição ficou sendo uma homenagem a Pedrosa, unanimamente reconhecido como o crítico que mudou a nossa crítica de arte. O problema é a trilha para chegar ao que foi o Grupo Frente. Isto ocorre na apresentação de Frederico Morais, que segue um tortuoso labirinto para saber o que de fato aconteceu.

O nome do grupo, por exemplo. Para alguns a idéia do nome partiu de Ivan Serpa, que rejeitou outros dois: vanguarda e renovador. Ferreira Gullar conta outra história, no mínimo curiosa: "Eu tinha mania de escrever poemas em papel. Pegava várias folhas cortadas ao meio, colocava uma capa de papel comum, de embrulho, papel pardo, e granpeava tudo. Costumava andar com aquilo na mão, e como a capa era igual dos dois lados e eu não queria escrever nada, coloquei a palavra frente só para saber de que lado deveria abrir. Um dia, cheguei com um desses "cadernos" no curso do Ivan. Lá estavam seus alunos e o escritor Macedo Miranda. Coloquei o "caderno" sobre a mesa, o Ivan olhou e disse: que coisa legal. Abriu e perguntou: o que quer dizer isto? Eu respondi: nada. A palavra está aí só para indicar onde devo abrir. Mais tarde Ivan me disse: Sabe, eu vou dar o nome Frente ao nosso grupo".

É fato que estas coisas são, afinal, pouco importantes em arte. De Kooning bateu os ombros quando numa reunião, quase 10 anos antes, em Nova Iorque, procurou-se batizar o movimento do qual participava do Impressionismo Abstrato. O importante é captar o clima de uma época que pôde fazer jorrar um determinado tipo de produção.

[Algumas coisas são importantes (e o texto de Frederico situa-se imediatamente) a liderança exercida por Ivan Serpa, o clima internacional de arte

Grupo Frente

internacional da arte indo em direção à abstração, o espírito moderno com sua ética de liberdade que Mário Pedrosa enfatizava, a presença da Bienal de São Paulo, onde se pode ver Picasso, Calder, Mondrian, os concretos argentinos, Torres Garcia, entre outros. Além dos cursos de arte de Serpa e o poder político navegando no otimismo, a partir de 1955, nas mãos de Juscelino Kubitschek.

No plano estético, argentinos como Tomás Maldonado<sup>do</sup> e Jorge Romero Brest tiveram grande importância nos visitando. Maldonado iria depois dirigir a Escola De Desenho Industrial em Ulm, Suíça. Este pequeno país que costuma, há séculos, ter relógios perfeitos e nenhum tirano, assumiu uma importância enorme para nós. O artista suíço Max Bill, com suas formulações matemáticas para a arte, criou um marco divisor na nossa arte e nos levou, durante muito tempo para uma arte construída.

No pós<sup>guerra</sup> europeu, artistas como Dubuffet ou o holandês Karel Appel estavam plasticamente interessados nos desenhos dos loucos e das crianças e aqui isso também foi valorizado, principalmente por Mário Pedrosa e seu grupo, que iam visitar o Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Engenho de Dentro, onde Nise da Silveira realizava um trabalho pioneiro com seus pacientes. Mas isto não estimulou uma criação artística dentro dentro desta linha. Somente muito mais tarde, na sua excepcional fase negra, Ivan Serpa buscou o fundo do abismo com os seus monstros. Na verdade, além da penetração de um determinado modelo de arte de tipo rigoroso (ele não era o único, mas foi o que os artistas daquela época resolveram escolher), era o que parecia melhor para se adaptar a um país mergulhado num otimismo de estradas cheias de volkswagens e imerso em indústrias. Um dos aspectos, não negligenciável, do Grupo Frente foi um pouco da mentalidade tipicamente racionalista de unir arte e indústria. Lygia Pape fez jóias, Palatinik - um dos pioneiros do cinetismo - móveis, e Fayga Ostrower interessou-se por realizar, junto com Décio Vieira, padronagens para tecidos. Esses são alguns exemplos de [uma mentalidade

Grupo Frente

de que procurava desamarrar o país do seu ritual arcaico.

Outro aspecto estaria nas polêmicas geradas nos jornais, época em que um crítico escrevia em oposição ao outro, baseado na tendência que defendia. A militância era religião. Procurava-se salvar a arte e a sociedade, <sup>ou</sup> ao menos, tornar a arte possível entre nós. De fato o Grupo Frente foi um labirinto de situações novas, que iriam de saguar em fervorosas polêmicas quando os artistas paulistas assumiram uma posição mais dogmática com o concretismo. No Rio, apesar da procura de um rigor, ele não foi totalmente dogmático em seu sentido estético, obrigando, apesar da severidade, na época, de um Ivan Serpa, uma certa abertura. Afinal, como descreve Frederico Morais, o próprio Mário Pedrosa - sempre no exato rigor do espírito moderno - já sonhava com um museu das origens, "reunindo num mesmo lugar a produção artística dos índios, crianças, loucos, primitivos e vanguardistas". ]

No catálogo há também um texto de Edmundo Jorje, que realizou a exposição do grupo em Petrópolis, no hotel Quitandinha. A cidade era um pólo cultural, além de ser o Quitandinha um dos principais hotéis do país. Era lá que, na época da euforia de um país moderno, Kim Novack desfilava na alegria de seus bailes carnavalescos e Jane Mansfield, com seus gelatinosos seios, era cativa das câmaras dos fotógrafos da imprensa. Nada a estranhar que uma exposição de arte fosse realizada lá. Depois seguiu para Rezende e Volta Redonda, procurando abrir picadas para a introdução de arte abstrata. A exposição do Banerj, após a mostra do Rio, fará o mesmo itinerário.

Do grupo de artistas que participaram do movimento alguns se firmaram no <sup>mesmo</sup> meio, como Ana Bella Geiger, Antonio Bandeira, Aluísio Carvão, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Franz Weissmann e Fayga Ostrower. A importância da exposição no Banerj é a de avaliar esta produção feita em uma época em que a rivalidade entre figurativos e abstratos foi um assunto realmente sério. É um momento em que os arti

Continuação Grupo Frente por ser novo: Peter

abstratos foi um assunto realmente sério. E um momento em que os artistas foram modernos, radicais e românticos. Quer dizer: viveram o ritmo feliz daquela época.

---

NOTAS: Reprodução do quadro de Ivan Serpa: pintura nº 97

Instituto de arte contemporânea